

tores, uma lei que exprima ao mesmo tempo os antecedentes complexos e os consequentes complexos, que apresenta um phemoneno considerado na sua totalidade.

Tirámos outra conclusão: é que a philosophia como a comprehendemos, não deve contentar-se em unificar phemonenos concretos, nem classes separadas de phemonenos concretos; deve unificar todos os phemonenos concretos. Se a lei da operação de cada factor é verdadeira em todo o cosmos, é necessário que o seja igualmente a lei da sua cooperação. Por consequencia, a unificação suprema que procura a philosophia deve consistir em compreender o cosmos conformando-se com esta lei de cooperação. Depois, descendo d'essa proposição abstracta a uma proposição concreta, temos visto que a lei inquirida era a da redistribuição continua da matéria e do movimento. As inovações que se operam em toda a parte, desde as que alteram lentamente a estrutura do nosso sistema estellar, até às que constituem uma decomposição chimica, são de-

mudanças nas posições relativas de partes constituintes, e implicam necessariamente, onde quer que seja, que a par d'um arranjo novo da matéria haja novo arranjo do movimento. Depois podemos estar certos, *a priori*, que deve haver uma lei de redistribuição concomitante de matéria e de movimento, que é verdadeira para todas as alterações, e que, unificando-as todas, deve ser a base da philosophia. Principiando o exame d'esta lei universal de redistribuição, consideramos, debaixo d'outro ponto de vista o problema da philosophia, e vimos que a solução não podia ser diversa da que tinhamos indicado. Mostrámos que a philosophia, por confissão própria, estará convicta de insuficiência se não formular toda a série de mudanças sofridas por um ser, na sua passagem do estado im-perceptível ao estado perceptível, e no seu regresso d'este aquelle. Se as explicações da philosophia começam com seres que já tem formas concretas, ou se deixam fôia seres que ainda as tem, é porque necessariamente estes seres tiveram uma história anterior, ou hão de

tel-a no futuro, ou tiveram uma antes e hão de ter outra depois, quer dizer, uma história passada ou futura, de que não se dá conta. Como estas histórias d'antes e de depois são assuntos de conhecimento possível, uma *philosophia* que não faz disto menção não cumpre a unicidade exigida. Do que concluímos que a formula inquirida, aplicada igualmente a existências tomadas isoladamente e na sua totalidade, deve ser aplicável à história d'essas existências e à completa história de todas. Estas considerações levaram-nos a achá-la formula. Effectivamente, se deve compreender toda a marcha do impreceptível ao perceptível e do perceptível ao imperceptível, se deve igualmente compreender a redistribuição contínua da matéria e do movimento, é evidente que não pode ser mais que uma formula que define as operações: operações de concentração e de dissipação em função de matéria e de movimento. Se assim for é necessário que esta formula exprima o princípio de que a concentração de matéria implica a dissipa-

ção do movimento e que, reciprocamente, a absorção do movimento implica a difusão de matéria.

Tal é, de facto, a lei do cyclo inteiro das transformações por que tem passado toda a existência: perda de movimento e integração consecutiva, seguida no fim d'um acrescimo de movimento e d'uma desintegração consecutiva. Vimos que não sómente se aplica á historia inteira de cada existência, mas que se estende também a todas as minúcias da historia.

As duas operações caminham sem cessar; porém há sempre um resultado diferencial a favor d'uma ou d'outra. Toda a alteração, mesmo quando não é senão uma transposição de partes, adianta inevitavelmente uma ou outra d'essas operações. As palavras *evolução* e *dissolução*, nomes das transformações opostas, definem-nas bem nos seus caracteres mais gerais, porém incompletamente em quanto ao resto; ou antes, se a definição da dissolução é suficiente, a da evolução é extremamente insuficiente. A evolução é sempre uma integração de matéria e uma dissipação de movi-

mento; porém na maior parte dos casos é ainda mais. A redistribuição primária de materiais e de movimento, é ordinariamente acompanhada de redistribuições secundárias. Temos distinguido as diversas espécies de evoluções que se operam segundo esta formula, em simples e compostas, logo temos considerado as condições que presidem ao cumprimento das redistribuições secundárias que constuem a evolução composta. Temos achado que um agregado em concentração que perde rapidamente o seu movimento latente, ou que se integra rapidamente, não demonstra senão a evolução simples; porém, temos visto igualmente, que em razão da sua extensão, ou da constituição particular de seus elementos, a dissipação do seu movimento acha obstáculos, e que, soffrendo a redistribuição primária que conduz à integração, soffrem ainda mais as redistribuições secundárias que produzem mais ou menos complexidade.

Desta concepção da evolução e da solução que formam pelo seu conjunto a história completa das causas e da con-

cepção que divide a evolução em simples e em composta, chegamos a considerar a lei da evolução como commun a todas as ordens d'existências, em geral e em especial.¹

A hypothese evolucionista seduz a imaginação poderosamente, mas no fundo a sua diferença, não é senão de grau, da velha hypothese da criação. Na da evolução em vez de a parecer bruscamente uma dada forma de ser sem antecedentes que a precedessem, como acontece na criação, estabelecem-se ao contrário transições assinaladas por uma série infinita de graus insensíveis, que o nosso espírito, ao abrigo da sciencia, aceita com adhesão plena como vemos no facto do desenvolvimento da cellula para formar progressivamente o organismo mais completo. Esta hypothese da evolução reduz se afinal a uma série methodicamente regulada de apparações sucessivas, infinitamente pequenas.

Na hypothese evolucionaria, a trans-

¹ H. Spencer op. cit. pag. 483.

formação de um certo estado n'um outro, indica necessariamente uma mudança específica, ora toda a diferença específica por insignificante que seja, é em face do raciocínio, irreductível aos caracteres que a precederam. O resultado da mudança evolutiva, traz como accrescimento alguma cousa que não existia no estado antecedente. O que imprime valor lógico apparente à teoria da evolução, é o processo erroneo pelo qual interpretarmos a continuidade de continuidade. Para a imaginação, continuidade quer dizer apenas, ausência de saltos bruscos e inesperados, mas tal continuidade é apparente, porque a continuidade real, na categoria do numero, é uma contradição nos termos. A série ascendente ou descendente dos termos é infinita. Um numero está ligado constantemente a outro numero maior ou menor por uma serie de addições ou subtrações progressivas, mas por numerosas que sejam, nunca podem os intermediários preencher o abysmo que separa, por exemplo, o numero ¹ do numero 2, visto que a quantidade desses intervallos se estende ao infinito. Assim para tomar um

exemplo muito simples, a serie infinita $1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{16}$, etc., nunca será exactamente equivalente á grandeza finita ². Fica sempre um immenso hiato. Ao contrario sucede com a categoria do espaço, em que nas verdades geometricas a idéa de extensão é continua, os intervalos que separam os limites, pontos, linhas e superficies não estão vazio realmente porque são meros conceitos do espirito e não modificam a natureza. Não havendo continuidade real, como no mundo geometrico, não ha verdadeira evolução, o que pôde haver é uma addição progressiva ao germin preexistente. O argüimento contra a hypothese da evolução universal, que é valiosissimo, da impossibilidade d'um numero infinito, actualmente realisavel, é de Renouvier e contraria-se de modo diferente, ingenhosamente interpretado por Liard.³ Nas obras d'estes dois grandes pensadores acha-se

¹ La science positive et la métaphysique, L. Liard, Esquisse d'une classification systematique des doctrines philosophiques, capitulo l'évolution et la création, I vol. Charles Renouvier.

esse princípio mais amplamente desenvolvido.

David Hume já admitia como Renouvier que o infinito actual é impossível e inconcebível, mas concluía, ainda assim, que o espaço se compunha de partes indivisíveis, enquanto que Renouvier conclui que o espaço não existe. Não só afirma com o seu mestre Kant que o espaço e o tempo são apenas formas de sensibilidade, mas trata subtilmente de demonstrar que a realidade objectiva destas idéias é logicamente impossível e que não pode ser admitida sem contradição. O filósofo A. Ott pretende provar por uma longa analyse, feita sobre esta these de Renouvier, que o infinito no sentido cartesiano é concebível positivamente.⁴ Não podemos acompanhar no seu exame este filósofo.

E' como judiciosamente observa Renouvier na sua *Classification Systematique des doctrines philosophiques*, um erro

científico que se nota em todas as obras de Spencer, o de considerar a matéria e o movimento como expressos matematicamente em função da força (como pode ver-se por exemplo no § 50 dos *Primeros Princípios*); quando é inteiramente o contrario, pois que a força, idéia metaphysica, só admite uma definição nominal em mathematicas. Para o matemático a quantidade $m \cdot v^2$, força víava, tira os seus dois elementos, massa e velocidade, do facto e da experiência do movimento, e é uma função d'esses dois elementos únicos, sem nenhuma outra noção ou suposição. As idéias de *função* e de *valor* são tomadas ao inverso por este filósofo. Ero este que n'elle é de considerável alcance, porque se julga possuidor d'uma idéia directa e científica da *Força*. Assim o pensador inglês intende que as idéias de matéria e movimento taes como as conhecemos são manifestações da força diversamente condicionadas, o mesmo sucede com as idéias de espaço e de tempo, segundo o modo como se manifestam ao nosso espírito. Todavia o mesmo pensador sem-

¹ Critique de l'Idéalisme et du Criticisme, pag. III, A. Ott.

pre que pretende justificar a veracidade da teoria refugia-se na sua concepção metaphysica: assim, diz elle, a força só pôde ser considerada como um certo efeito condicionado d'uma causa incondicionada, e como a realidade relativa que nos indica uma realidade absoluta pela qual é produzida directamente. E' isto que nos faz ver mais claramente do que d'antes, quanto é inevitável este realismo transformado para o qual finalmente a critica sceptica nos conduz. Rejeitando todas as complicações e contemplando a força pura, somos irresistivelmente levados pela relatividade do nosso pensamento, a conceber vagamente que uma força desconhecida é correlativa com a força conhecida.

Spencer para evitar o pantheismo não atribue ao facto da evolução nenhuma ideia directriz interna, faz passar toda a forma da existencia d'um estado de movimento a outro estado de movimento, fazendo crêr que essa lei tem origem n'uma inducção de phenomenos, e que caminha entre um estado inicial e um estado final, regulados, segundo a sua

terminologia pela formula da evolução e da dissolução. O fim da evolução como resultado parece que será um Universo cheio de soes extintos, em que as massas voltem á forma da nebulose, recomeçando depois. O seu sistema de aliegazão da ignorancia pelo *incognoscibilis* não permite que a sua logica nos diga mais nada, do que em termos menos symbolicos e mais abstractos, nos dizia a escola jônica e a escola physica de Elea.

Os dois principios em que assenta a sciencia são: primeiro que a quantidade de matéria permanece constante no Universo, segundo que nada se produz sem que tenha uma causa natural. Acceites estes postulados, o evolucionismo contemporaneo pretende explicar todos os phenomenos, rejeitando todavia o carácter de finalidade immanente à evolução que lhe reconhecia Hegel, para reduzir tudo a causas mechanicas, os seus sectarios todavia não dizem d'onde vem essa immanencia de aptidão ou principio legislativo de que se acha de posse a forma mechanica.

O eminentíssimo pensador Kant inaugurou a *doutrina crítica* na Alemanha, no momento histórico em que o sensualismo francês e o empirismo inglez se impunham ao pensamento europeu. A tradição leibnitiziana estava abatida no próprio espírito teutônico, David Hume quase avassalava com a originalidade da sua análise a corrente intellectual na Inglaterra, enquanto os gigantes da Encyclopédia dominavam no continente. E, na segunda metade do século XVIII que Kant analisa as fontes e os elementos irreductíveis do conhecimento, demonstrando que todas as ideias supõem a experiência, ainda que esta por si só seja insuficiente para as explicar. Assigna-lhe o carácter e o domínio da filosofia, e pela sua critica profunda, mostra ao espírito qual o seu caminho, a sua extensão e os seus limites. O filósofo de Koenigsberg marca uma época luminosa na história do pensamento humano, forma mesmo, pôde dizer-se, com Aris totelis e com Descartes, a augusta grandeza dos maiores philosophos, que a evolução do entendimento humano regista.

“Alguns equívocos e a paixão d'escrever, diz Lange, concorseram, na época dum grande movimento intelectual, para transpôr os rigorosos limites que Kant impozera à especulação. O socego, que se seguiu à ebriedade metaphysica, convidava a retomar a posição prematura mente abandonada, tanto mais que se estava em face do materialismo, que com a aparição de Kant, havia desaparecido quasi sem deixar vestígios. Hoje não só temos uma nova escola de kantistas, no sentido mais restrito e no mais lato, mas, ainda os que querem seguir outras direções, se vêem, de certo modo, obrigados a haver-se com Kant e a motivar seriamente as suas divergências. O mesmo movimento, um tanto ou quanto artificial, a favor da philosophia de Schopenhauer, por um lado, teve originariamente um arrebatamento analgo, e por outro formou, segundo os homens mais sensatos, uma transição para Kant. E necessário por aqui em relevo especialmente o acolhimento entusiasta dos naturalistas, que, achando insuficiente o naturalismo, pela maior parte adopta-

ram uma concepção do mundo d'acordo, em alguns pontos importantíssimos, com o de Kant. Realmente não é o kantismo ortodoxo que de modo nenhum devemos atribuir importância tão preponderante, nem os ainda á evolução dogmática, pela qual Schleiden julgava poder abater o materialismo, comparando Kant, Fries e Apelt a Kepler, Newton e Laplace, e querendo que os trabalhos d'estes tres philosophos tenham dando ás idéas «alma, liberdade e Deus» uma fixidez similitante á do percurso dos astros. Um tal dogmatismo é além d'isso totalmente estranho ao espirito da *Critica da razão*, apesar de Kant se felicitar ardentemente por ter subtraído essas mesmas idéias às discussões das escolas, desterrando-as para o domínio da filosofia prática, como impossíveis de demonstrar positivamente. Pois bem toda a filosofia prática é a parte variável e ephemera da philosophia de Kant, qualquer que seja a poderosa influencia que haja exercido sobre os seus contemporaneos. Só o logar é que é perdurable, e não o edifício que o mestre

n'elle construiu. Dizer que este terreno (a consciencia) é terreno proprio para a construção de sistemas de moral, é uma afirmação que quasi não deve ser posta entre os elementos duraveis do seu sistema; e, se se fizer da conservação das idéas moraes o ponto de partida do seu sistema, ha uma grandissima consequencia em comparal-o a Kepler — não fallando de Newton nem de Laplace. Devemos de preferencia procurar na *Critica da razão teorica* toda a importancia da grande reforma devida á iniciativa de Kant; para a moral é igualmente n'ella que se deve procurar o valor duravel do criticismo: não só elle contribui para o triunpho d'um sistema preciso das idéias moraes, mas também, convenientemente desenvolvido, pôde satisfazer ás exigencias variaveis dos diversos periodos de cultura. O proprio Kant pouco pensou em comparar-se a Kepler; mas estabeleceu outro paralelo, mais significativo, mais sólido. Comparava elle a sua acção á de Copernico. Ora esta acção consistia em destruir o ponto de vista até então adoptado pela metaphy-

sica. Copérnico ousou procurar, «d'uma maneira contraria aos sentidos, mas verdadeira», não nos corpos celestes, e sim no proprio observador, os movimentos observados. Não menos «contraria aos sentidos» deve parecer á intelligencia indolente do homem o processo de Kant, que destroç com impassível firmeza o ponto de vista de toda a scienza experimental, assim como de todas as sciencias historicas e exactas, estabelecendo a simples hypothese de *que os nossos céus não se regulam pelos objectos, e sim os objectos pelos nossos conceitos*. Segue-se por conseguinte que os objectos da experiença não são geralmente senão os nossos objectos, n'uma palavra, que toda a objectividade não é precisamente a objectividade absoluta, mas só uma objectividade para o homem e para os entes que podem ser organizados como elle, ao passo que, atraz do mundo dos phenomenos, se oculta, em densa obscuridade, a essencia absoluta das coisas, a «coisa em si».

«Kant reconhecia duas concepções do mundo, o materialismo e o scepticismo, como preliminares legitimos da sua Philosophia critica; ambas lhe parecem erros, mas erros necessarios para o desenvolvimento da sciencia. Elle confessa que o materialismo, mais facil de comprehender, pode tornar-se pernicioso para a grande maioria do publico, enquanto que o scepticismo, por causa das suas dificuldades, conserva-se circumspecto nas escolas; porém, sob o ponto de vista meramente scientifico, os dois sistemas parecem-lhe dignos d'egual attenção; contudo, se o fiel da balança se inclinasse, seria para o lado do scepticismo. *Não ha sistema philosophico que Kant mais ardentemente combata do que os dois citados*. O idealismo vulgar, em particular, é absolutamente oposto ao idealismo «transcendental» de Kant. O idealismo vulgar em quanto se limita a provar que o mundo dos phenomenos nos não apresenta as coisas tales quaes elles são, está de acordo com Kant. Mas, logo que o idealista pretende ensinar o quer que seja do mundo das coisas puras, ou mes-

mo substituir pelas suas teorias as ciências experimentais, então Kant torna-se seu adversário irreconciliável. Um crítico irreflectido tinha achado um «idealismo superior» na *Critica da razão para, de Kant*. Isto deve ter sido tomado por Kant como se lhe tivessem censurado um «ceticismo superior», tão mal compreendido ele era. Ha que admirar a moderação e sagacidade do grande pensador ao lerem-se as duas afirmações da sua resposta, as quais fazem luz vivissima até para os mais cegos, na essencia da philosophia critica. «A these de todos os verdadeiros idealistas, desde a escola de Eléa até ao bispo Berkeley, está contida na seguinte formula: Todo o conhecimento adquirido pelos sentidos e a experiência é mera apparencia, e a verdade só existe nas idéas fornecidas pelo entendimento puro e pela razão.

O princípio, que rege e determina todo o meu idealismo, é diverso: Todo o conhecimento das coisas, proveniente do entendimento puro ou da razão pura, é uma simples apparencia, e a verdade só se encontra na experienzia.» O mais pu-

ro empirista não se expressaria sobre tal com mais clareza; todavia como conciliáremos nós com esta declaração tão categorica o singular asserto de que os objectos se regulam segundo os nossos conceitos? Evidentemente não poderiam agora ser base de discussão as idéas realmente formadas por um individuo que se entrega á pura especulação. Verdade é que, em certo sentido, um hegeliano ou um aristotélico acha também que os objectos se regulam conforme as suas idéias. Como vive no mundo das suas chimeras, tudo lá sabe coordenar. Quando um objecto é para elle realmente um objecto, é porque foi moldado segundo as suas idéias. Porem nem todos os objectos são tão modeláveis; e é justamente a experiência que prega as peores peças aos philosophos d'esta tempra. Lembrem-se de Cremonini, que evitava, com todo o cuidado olhar por um telescópio, com medo de ver por elle os satélites de Jupiter rebeldes á sua theorial Kant, que encontra na experienzia toda a verdade, não pode ter assim comprehendido o acordo dos objectos com as nossas idéias. Antes

pelo contrario, a influencia das nossas ideias, como Kant o entendia; deve ser exactamente tal qual se produz nos dados da experiença, ainda os mais geraes, os mais invariaveis, os mais inacessiveis ao capricho do individuo. O enigma resolve-se-ha, pois, por uma analyse da propria experiença, na qual será preciso evidenciar a presença d'um factor intelectual, que provem não dos objectos mas de nós mesmos.¹

Pode afirmar-se affirmando que todo o desenvolvimento da philosophia alema no seculo XIX, procede da doutrina de Kant. Posto que as conclusões a que chegou, por exemplo Hegel, sejam radicalmente contrarias à critica, a sua origem está todavia em Kant como logicamente demonstra Th. Desdoufs. O papel da critica tem sido sobretudo excitar as diferentes correntes do pensamento posto que nem sempre as domine, o que não admira, especialmente quando a sua

accão se exerce em intelligencias que são incapazes d'uma penetração aguda e dum dialectica subtil.

Pensamos difficilmente sem imagens distintas, ora as ideias abstractas são pouco representaveis, por isso uma scienzia é tanto mais inacessivel quanto é mais abstracta. As sciencias matematicas são faceis pela simplicidade dos phenomenos que estudam, mas tornam-se dificultosas pelo poder de abstractação que as suas deduções exigem.

Nenhuma escola philosophica fez a analyse das condições de legitimidade do conhecimento, dum modo tam completo e profundo, como atem feito os pensadores criticos desde Kant a Renouvier. O acume de engenho e de penetracão dos heterophantes d'este sistema tem posto em evidencia os paralogismos, os processos de synchysse e as petições de principio das outras escolas.

Esta escola não pode jamais tornar-se popular, porque as formas do pensamento que analysa, e os principios transcendentes que indaga, são inacessiveis aos espíritos indutivos e aos insuficientemente

¹ Histoire du materialisme par Lange, traduction de Pommereh, tome II, pag. 2 a 13.

taes, facto que não sucede com o materialismo vulgar, cujos livros se encontram nas estantes de individuos completamente estranhos á sciencia, e é sobretudo nesses, que este systema recruta os seus mais numerosos e ardentes proselytos.

«Chamam-lhe hoje, diz Jéannaire, o neo-kantismo francez, e pode dizer-se que é elle umá critica da razão pura e da razão prática renovada, completa, fortalecida por uma nova analyse das leis do pensamento e da liberdade, e pelas applicações que d'ella soube fazer em variadíssimos sentidos, um dos mais potentes e penetrantes espiritos. Para o assunto de que trato, não tenho que exceptuar os principios geraes de M. Renouvier.⁴ Limitar-me hei a demonstrar como algumas das suas ideias são favoráveis á opinião que diligencio tirar do exame das teorias da personalidade. Não occultarei as que parecem contrarias, mas faro-hei indicando as objeções a que podem

⁴ Vide o excelente estudo de M. Beurier, Rev. philos., abril, maio e junho de 1877.

dar logar. Por esta ultima parte é que vamos começar, e será a unica de que nos ocuparemos neste capitulo. Eis as razões: M. Renouvier é ao mesmo tempo um logico, um psychologo, um moralista, e, como já alguém disse, o moralista e o psychologo não são n'elle inferiores ao logico. Difficil seria encontrar obra mais solidamente concebida do que a sua. *Sciencia da moral*, analyses psychologicas mais profundas e mais engenhosas que as da vontade e da liberdade na sua *Psychologia racional*. Verdadé é tambem que a *Logica geral* e o seu ponto de partida, e que n'ella baseia os alicerces de toda a obra. Foi ella que deu o plano da sua psychologia. Talvez d'ahi resulte que os acontecimentos e as condições da nossa vida mental lhe apparecem menos como factos de consciencia, com as suas condições psychicas, que como elementos e formas do conhecimento. Sob o ponto de vista logico, tinha elle sido naturalmente levado a fazer da representação o objecto elementar das suas analyses; mas poderia conservar fundadamente o mesmo ponto de

Vista, passando da lógica para a psychologia, ou d'uma scienzia, cuja matéria é um conjunto de elementos abstractos, com as suas analogias e combinações, para outra scienzia que tem por assumpto factos na sua realidade concreta? Felizmente M. Renouvier tem uma ala intelligencia das coisas, e as suas analyses são quasi sempre precisas, de modo que, se os principios geraes do seu sistema o não deixam ás vezes notar certas condições d'un facto, deixá-las elle facilmente ver aos outros, porque sem querer as indica. E' certo, por exemplo, que as suas analyses do acto e do poder, da vontade e da liberdade, nos deixam entrever elementos que engrandecem singularmente o conteúdo da representação. As ideias de tendência, de força, de esforço efficiente, d'actividade automotriz que se lhe ligam, implicam realidades que quasi não encontrariam cabida no que por si designava o termo *representação*. Se o facto primitivo assim concebido se chama sempre representação, é preceiso confessar que a palavra recebe então nova significação. O que ella desi-

gna, embora M. Renouvier não queira concordar, não é já um elemento abstrato do conhecimento, isolado de tudo o mais, centro unico e base de toda a realidade, mas sim um verdadeiro facto de consciencia, um facto real, concreto, considerado no meio das suas condições reaes, e na sua dependencia das actividades concretas que concorrem para a sua produção.¹

Segundo o materialismo *phenomenista* actual, a vida psychica é o resultado por transformações de uma certa quantidade de energia mecanica, em que as sensações, phenomeno elementar de consciencia, se explicam por ondas moleculares. A teoria da correlação das forças physico-physiologicas entende que o trabalho funcional retmna sempre, por uma restituição total ao mundo exterior da energia, que esse mesmo trabalho lhe houver tirado, facto que, na verdade, destro a hypothese geralmente accepta de que o trabalho funcional era uma com-

¹ Cf. "L'idée de la Personnalité dans la psychologie moderne" por Charles Jeannaire, pag. 231 a 233.

burstão de dadas cellululas oxidaveis. Este sistema amíquilla a essencial distinção entre o acto da consciencia que atesta a continuidade interna, e entre a sensação que traduz as variáveis modalidades externas. Cae no círculo vicioso de explicar a consciencia por estados psychicos sucessivos, supondo n'essa evolução um centro unico, o que equivale a suppor a consciencia. Os mecanistas negam assim igualmente a liberdade em nome da lei universal que deve reger tanto o mundo material como o mundo noológico. Mas o psychologo para evidenciar a existencia d'esta propriedade do espírito, basta-lhe o depoimento da consciencia em favor da iniciativa dos nossos actos. Este argumento não carece de auxiliares, é inacessível a toda a dúvida, por isso, diz Lotze, querer procurar a liberdade é empreza contradictoria, porque é querer determinar o que por definição escapa a toda a determinação. O naturalismo explica simbolicamente as realidades exteriores, não vê o pensamento através a liberdade e o bem, como typo de verdade irresistivel e inconcussa.

Nem o empirismo de Locke, nem o innatismo de Descartes, doutrinas intran-sigentes, podiam resolver a these fundamental da scienzia; isto é achar a harmonia entre as leis universaes e os factos da experienzia. E ao criticismo, nascido com Kant, que cabe a gloria de pôr termo a um estéril conflito secular, provando que os phenomenos e os principios se ligam no conhecimento por uma synthese primitiva e indissoluvel. Nada mais fecundo na positividade da scienzia do que a teoria das sensações de Kant, em que as leis invariaveis e fundamentaes do conhecimento se ligam indissoluvelmente com a sensação individual e variavel, fazendo d'ella a representação da realidade objectiva. O criticismo demonstra que tudo vem da sensação, excepto o proprio pensamento, cuja existencia permanece em nós como principio direciz e pedra angular, sobre que ha de assentar o edificio da scienzia. Afirma pois igualmente esta escola a existencia una e identica do espirito, como condição abrangadora de toda a previsão científica e de toda a realidade. E este sistema, que

para o futuro, fará desassombroadamente brilhar a verdade, limpida e isenta das nuvens do erro.

«Postas em evidencia, diz Liard, as vantagens de tal doutrina sobre as que ella substitue, a solidez da posição em que está assente aparece por si. Tomada nos seus limites proprios, a critica é inatacável. E com que armas a atacariam, que se não voltassem também para a defender? Se o empirismo objecta que, sem a experiência, a realidade seria para nós um mysterio, que o homem só sabe o que d'ella lhe vem, a critica responde que os elementos *a priori* do pensamento, anteriores e superiores à experiência em ella contudo se manifestam. Se o idealismo sustenta que só é verdadeiro o que é universal e necessário, e portanto extrinseco à experiência, a critica responde que as sensações, como sensações, são subjectivas, variáveis de individuo para individuo, inúteis e inúteveis, mas que o que faz dellas objectos permanentes de conhecimento, subtraidos aos caprichos da imaginação e ás vicissitudes das sensi-

bilidades individuaes, são precisamente as leis universaes e necessarias de todo o pensamento.

Dirá alguém que o *a priori* dessa tese capital está dada e não justificada? Repetimos, seria enganar-se sobre a natureza das soluções que comportam os problemas relativos aos principios do conhecimento. Só por hypotheses se podem resolver. A melhor, ou antes a unica verdadeira, é a que se apota vitoriosamente sobre as ruinas das outras, sem violentar os factos. Tal é a hypothese kantiana. E' um facto existir uma natureza fora de nós; é um facto que com ella formamos a scienzia; é um facto que certas verdades são universaes e necessarias. O unico meio de compreender que estes principios, condições de todo o pensamento, regulam também a ordem da natureza, é o que Kant propoz. A impotencia do idealismo em conservar harmonicas a natureza e o pensamento, sem que uma absorva a outra, a do empirismo em deduzir de dados puramente empiricos as regras universaes da experiência, são as

provas mais fortes a favor da solução critica. Enquanto a essas doutrinas inferiores que, julgando evitarem o que elles chamam os excessos do empirismo, do idealismo e da critica, conservam, entom do senso commun, distincções absolutas entre as coisas da experiença e as do espirito, sem inquirirem sequer como poderia estabelecer-se a communicacão entre coisas radicalmente heterogeneas, em quanto a essas, repetimos, enganam o espirito, pois que erigem em soluções os problemas por resolver»⁴.

Os principios irreductiveis do espaço, do tempo, do numero, da substancia e da causalidade constituem o que se chama o absoluto. Toda a scienza positiva, que não architecte as suas leis fundamenteas em algum *petito principio*, tem de suppor necessariamente o absoluto, objecto da metaphysica, aqual pretende tirar do primeiro principio a explicacão geral das coisas, ou pela deducção ou pela induc-

⁴ «La Science positive et la metaphysique por Louis Liard, pag 202 a 206.

ção, quasi nunca pela intuição. Todos os systemas são reductiveis a tres, o materialismo, o pantheismo e o espiritualismo. O primeiro é a transfiguração da materia inorganica, no absoluto, vista atravez hypotheses. O pantheismo é a transfiguração da materia organica no absoluto, dotada de um principio directriz immanente. O espiritualismo é analogamente a transfiguração do pensamento no absoluto, explicando tudo por formas da sensibilidade e da razão. Toda a explicação geral se contém irresistivelmente nalguma d'estas categorias.

Temos sobre a nossa mesa as duas notabilissimas *Memorias* scriptas para o concurso da *Metaphysica considerada como scienza*, coroadas pela Academia Franceza: a de Desdouits sustentando que a metaphysica tem, no mais alto grau, todos os caracteres da scienza; e a de Liard sustentando a these opposta, isto é, que a scienza não encerra na sua materia nem na sua forma, nada que permita definir positivamente o absoluto, e que por conseguinte sendo o absoluto o objecto da metaphysica, esta não é uma scienza.

Colocamo-nos inteiramente ao lado do segundo laureado, um dos brilhantes renovadores das doutrinas de Kant, d'este genial pensador, que com a sua critica profunda arruinou os processos metaphysicos, reconhecendo todavia a existencia do absoluto, como uma necessidade inventivel para a sciencia e como um insito ideal para a humanidade.

*Objetivo da investigação psicologica
em seu caráter científico*
Capítulo I. — O método experimental e o
método intuitivo. — A autonomia da
sciencia do espírito. — Relações entre a
natureza psychologica e physiologica do
homem. — As localisações cerebrais...
ÍNDICE *Conteúdo didático*
Quinto Capítulo. — Sistemas de psicologia
significativa e sua crítica

1. A origem da ciencia psychologica
2. A natureza psychologica do homem
3. A natureza physiologica do homem
4. A localização cerebral
5. A explicação dos instintos
6. A inteligencia dos animais como auxiliar do homem
7. A grande perfeição de alguns sentidos na
escala zoologica
8. A existencia da associação de ideias no cão e a impossibilidade
do verdadeiro raciocínio
9. Distinção entre o hábito e o instinto
10. Concepções filosóficas sobre a propriedade e o mal
11. Teoria da religião

Pág.

- Capítulo I** — Processos da sciencia psychologica. O metodo intuitivo, o metodo experimental. — A autonomia da sciencia do espírito. — Relações entre a natureza psychologica e physiologica do homem. — As localizações cerebrais...
Capítulo II — Os antecedentes da psychologia comparada. — Dados biologicos para a explicação dos instintos. — A energia dos instintos. — A inteligencia dos animais como auxiliar do homem. — A grande perfeição de alguns sentidos na escala zoologica. — A existencia da associação de ideias no cão e a impossibilidade do verdadeiro raciocínio. — Distinção entre o hábito e o instinto...
Capítulo III — Philosophia da religiosidade: Concepções filosóficas sobre a propriedade e o mal. — Teoria da religião.

79

45

| |
|--|
| Capítulo IV —Da experimentação em psychologia; condições physiologicas dos phenomenos psychologicos.—A responsabilidade criminal.—A hereditariedade como factor psychologico.—A noologia morbida e o hypnotismo como base de imaginosas conjecturas 143 |
| Capítulo V —A linguagem como expressão dos factos psychologicos.—A aphasia e as suas diferentes formas—O schema de Charcot 187 |
| Capítulo VI —Idéas sobre o carácter dominante na philosophia contemporânea—As doutrinas do Associonismo, do Evolutionismo e do Neo-Iantismo 217 |